

MULHERES, MÃES DE FAMÍLIA, NA AGRICULTURA EM CANCHUNGO NA GUINÉ-BISSAU: DESAFIOS E PERSPECTIVAS ENTRE OS ANOS 2007-2018¹

Hericson Gabriel Sampa²

RESUMO

Esta pesquisa analisa os desafios e as possibilidades da atuação das mulheres mães agricultoras na localidade de Canchungo na agricultura na Guiné-Bissau. O trabalho está organizado de seguinte maneira: o primeiro tópico é uma breve introdução sobre a participação das mulheres mães no campo da agricultura, na qual trouxemos diferentes autores que dialogaram sobre a temática das mulheres mães agricultoras e o método percorrido para construção do artigo, segundo descreve sobre o apoio e troca de experiência entre as mulheres mães agricultoras, terceiro tópico minha experiência no trabalho, na qual trouxemos algumas imagens dessas mulheres agricultoras trabalhando juntos dos/as filhos/as no campo, no quarto tópico, apontar as dificuldades das mulheres agricultoras no campo da produção, a questão da divisão sexual do trabalho na sociedade guineense e principalmente no seio familiar, no quinto e o último tópico é a consideração final do nosso artigo. Com o resultado obtido através da entrevista sobre a realidade das mulheres guineenses mães agricultoras, percebemos as lutas de dia a dia dessas mulheres para manter o sustento e a base familiar de modo geral.

Palavra-chave: agricultura familiar - Canchungo (Cacheu, Guiné-Bissau); mulheres na agricultura - Canchungo (Cacheu, Guiné-Bissau).

ABSTRACT

This research analyzes the challenges and possibilities of the work of mother farmers in the Canchungo area in agriculture in Guinea-Bissau. The work is organized as follows: the first topic is a brief introduction about the participation of mother farmers in the field of agriculture, in which we brought together different authors who discussed the theme of mother farmers and the method used to construct the article; the second describes the support and exchange of experiences among mother farmers; the third topic is my experience at work, in which we brought some images of these mother farmers working with their children in the field; the fourth topic points out the difficulties of female farmers in the field of production, the issue of the sexual division of labor in Guinean society and especially within the family; the fifth and last topic is the final consideration of our article. With the result obtained through the interview about the reality of Guinean mother farmers, we perceive the daily struggles of these women to maintain their livelihood and the family base in general.

Keywords: family farming - Canchungo (Cacheu, Guinea-Bissau); women in agriculture - Canchungo (Cacheu, Guinea-Bissau).

¹ Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Juliana Dourado Bueno.

² Graduando em Ciências Sociais e Bacharel em Humanidades pela UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa visa analisar os desafios e as possibilidades da atuação das mulheres mães agricultoras na localidade de Canchungo na agricultura na Guiné-Bissau. A produção agrícola das mulheres mães agricultoras de Canchungo contribui para o desenvolvimento econômico dessa localidade e do próprio país. Contudo, muitas das vezes, esse trabalho não é valorizado pela sociedade guineense, principalmente no seio da própria família. Não é um trabalho bem visto dentro da sociedade guineense, que muitas das vezes os próprios/as filhos e filhas contribuem para desvalorização desse trabalho, por sentir vergonha de ter mães que trabalham no campo. Para algumas pessoas essas mulheres não trabalham porque não ocuparam nenhum espaço no gabinete dentro das instituições públicas ou privada que é um trabalho considerado “normal” e respeitado, ou seja, um lugar de trabalho de destaque que seja fora de um campo agrícola. E por outro lado, às vezes, é a falta do conhecimento que acaba fazendo as pessoas cometerem esses erros.

No meu caso, antes de entrar nesse mundo de aprendizagem de forma mais ampla que é universidade, especificamente a UNILAB, quando me encontrava numa das situações, como no caso de preencher alguns documentos relacionados a minha família, se me perguntavam sobre as funções dos meus pais, falava que minha mãe não trabalhava. Minha mãe é agricultora e vendedora e faz todo tipo de produção hortaliças, após os trabalhos no campo, ela vai direto para (feira) mercado para vender seus produtos hortaliças, e quando me encontrava na situação de preencher qualquer documentação que seja, colocava que minha mãe não trabalhava, somente meu pai que trabalhava, porque ele é professor e funcionário público.

Isso acontece com muitas pessoas até mesmo algumas dessas mulheres agricultoras quando se encontram numa situação em que os filhos vão até elas para pedir ajuda financeira, elas dizem que não trabalham, só ganham dinheiro através dos produtos retirados no campo da produção para ser vendidos nos mercados, como alface, tomate, berinjela, repolho, nabo entre outros. E mesmo assim, o trabalho dessas mulheres na agricultura tem contribuído para o crescimento do lar, na movimentação da economia da região, e no fornecimento do mercado, bem como garantir a sobrevivência da família e a educação dos filhos. Muitas dessas mulheres garantem sobrevivências dos seus filhos, e também ingresso deles nas universidades graças a esse trabalho da agricultura.

O texto aqui apresentado está organizado de seguinte maneira: o primeiro tópico é uma breve introdução sobre a participação das mulheres mães no campo da agricultura, na qual trouxemos diferentes autores que dialogaram sobre a temática das mulheres mães agricultoras

e o método percorrido para construção do artigo, segundo descreve sobre o apoio e troca de experiência entre as mulheres mães agricultoras, terceiro tópico minha experiência no trabalho, na qual trouxemos algumas imagens dessas mulheres agricultoras trabalhando juntos dos/as filhos/as no campo, no quarto tópico, apontar as dificuldades das mulheres agricultoras no campo da produção, a questão da divisão sexual do trabalho na sociedade guineense e principalmente no seio familiar, no quinto e o último tópico é a consideração final do nosso artigo. Com o resultado obtido através da entrevista sobre a realidade das mulheres guineenses mães agricultoras, percebemos as lutas de dia a dia dessas mulheres para manter o sustento e a base familiar de modo geral.

Guiné-Bissau é um país localizado na Costa Ocidental da África tem a superfície total de 36.125km², faz fronteira norte com Senegal, sul com Guiné-Conacri e oeste é banhado pelo oceano atlântico, o país tem 1.852.284 habitantes conforme dados do relatório da CPLP, (Comunidade de Países de Língua Portuguesa), atualizado no ano de 2018. O País é composto por oito (8) regiões, e um (1) sector autónomo, Região de Cacheu, Oio, Biombo, Quinara Tombali, Bolama, Bafatá, Gabu e sector autónomo de Bissau, dividida entre vários grupos etnolinguísticos (mancanha, fula, mandinga, bijagós, papel, manjacos, balantas, biafadas, felupes, mansoncas, nalus etc.). E o foco do nosso trabalho, vai ser na região de Cacheu, especificamente no sector de Canchungo que fica localizado no norte do país.

Durante o período da construção desse artigo, optamos por trabalhar com o método qualitativo. Foram aplicados os questionários semiestruturado, e para realizar as entrevistas temos como colaboradora, minha cunhada (Gina), que é uma pessoa que conhece a realidade, e o perfil dessas mulheres. Nas conversas que tivemos antes dela ir para o campo da entrevista, dei uma orientação para não induzir as entrevistadas/os a responderem a nenhuma questão; sugeri que ela deixasse a entrevista fluir naturalmente, permitindo que as mulheres e os filhos respondessem com base na realidade que vivem. Além disso, pedi que ficasse atenta para registrar todas as informações que as entrevistadas e os entrevistados estão compartilhando. As entrevistas foram realizadas no Norte do país, mais especificamente na região de Cacheu, no setor de Canchungo.

Para este trabalho, elaboramos questionário e roteiro de entrevista, que se encontram em duas versões, na língua portuguesa e na língua crioula na qual as entrevistadas vão se sentir mais confortável de se expressar, vale ressaltar que essas entrevistas foram realizadas na língua crioula, mas com tradução feita por mim para língua portuguesa.

As entrevistas feitas para construção desse trabalho, contou com participação de seis (6) pessoas na qual, quatro (4) mulheres mães agricultoras, um (1) filho e uma (1) filha, para

compreender de melhor forma as contribuições de alguns e alguns filhos/as que trabalham com suas mães no campo. As entrevistas foram feitas com pessoas de diferentes etnias, como: mancanha, balanta, manjaco etc.... que trabalham no campo da agricultura, as mulheres mães são de faixa etária de 40 a 60 anos de idade. Teresa tem 57 anos de idade, Rosa Maria tem 56 anos de idade, Alia tem 46 anos de idade, Mama tem 60 anos de idade... e a faixa etária do/a filho/a é 20 a 30 anos de idade, Linda tem 29 anos, e o Jorgito tem 21 anos de idade. As entrevistas ocorreram entre março e outubro de 2023.

Todas as pessoas entrevistadas autorizaram a inclusão de seus nomes e fotos no corpo do trabalho. Dessa forma, selecionamos os principais trechos das entrevistas e algumas fotos para nosso projeto. Na tabela abaixo, apresentamos a composição familiar que descreve um pouco sobre as entrevistadas e o entrevistado. A maioria dessas mulheres vivem com seus filhos/as e também sobrinhos/as. Na localidade onde a pesquisa está sendo realizada, é difícil encontrar uma configuração familiar composta apenas pela mãe, pai e filhos. Ou seja, é comum que mães e filhos tenham a presença de sobrinhos/as ao lado, principalmente quando essas mulheres enfrentam instabilidade em seus lares. Elas frequentemente assumem a responsabilidade pelos sobrinhos/as, proporcionando-lhes o mesmo conforto que oferecem aos seus próprios filhos: uma boa qualidade de vida, alimentação adequada, educação, cuidados de saúde, vestuário, entre outros aspectos.

Quadro 1 - Perfil das pessoas entrevistadas

Nome	Idade	Composição familiar	Etnia
Rosa Maria	56	Cinco filhos, e uma filha	Mancanha
Tereza	57	Três filhos e três filhas	Manjaco
Alia	46	Dois filhos e uma filha	Mancanha
Mama	60	Uma filha e três filhos	Balanta
Linda	29	Não tem filho/a	Mancanha
Jorgito	21	Não tem filho/a	Manjaco

Fonte: elaboração própria.

Terminada a pesquisa bibliográfica e questionário das entrevistas, fizemos a análise de conteúdo para compreender as informações obtidas e, por conseguinte procedemos a

interpretação dos dados, buscamos a partir das entrevistas analisar criticamente as formas de produções e alimentações. Essa análise foi feita em etapas distintas, no qual fizemos análise e junções dos resultados e a sua interpretação.

De acordo com Martins (2022), é necessário apontar que as mulheres têm uma contribuição socioeconômica muito grande dentro da sociedade guineense em geral, mas, mesmo assim, ainda os trabalhos delas continuam tendo dificuldade de ser valorizado devido essa ideia machista que está inserida dentro da sociedade guineense, que coloca as mulheres dentro das caixas de inferioridade só porque alguns trabalhos que elas fazem não precisam apresentar um nível acadêmico, e mesmo tendo o nível acadêmico avançado, continuam subestimando os trabalhos das mulheres, e suas inteligências, em razão da construção social de gênero e da desigualdade econômica. São essas questões que acabam minimizando os trabalhos e as lutas feitas pelas mulheres, e a maior parte desses lugares do trabalho informal são ocupados por elas, o que acaba reforçando ainda mais essa ideia de menosprezo e a desvalorização de suas atividades.

A questão do gênero não é o foco do nosso trabalho, mas ao longo da construção desse artigo, vi a necessidade de abordar essa questão de gênero para dar a ênfase ao trabalho das mulheres, especialmente em contextos específicos, como o das mulheres mães agricultoras. Abordar a questão de gênero com foco nas mulheres mães agricultoras, não apenas destacar a diversidade de suas experiências, mas também ressaltar os desafios específicos e as contribuições significativas que elas fazem em determinados campos, como a agricultura.

Conforme Nghabo (2018), as funções das mulheres agricultoras dentro da sociedade guineense têm provocado várias discussões em diferentes contextos, tanto nas questões das suas participações no campo político, assim como nas questões das contribuições no mundo econômico. O trabalho da agricultura é uma das principais atividades realizadas pelas mulheres guineenses, assim como um dos mecanismos para manter a base da sobrevivência familiar na sociedade guineense, e não só, mas também é um dos caminhos encontrados para fornecimento dos produtos nos mercados.

No contexto brasileiro, a manifestação da Marcha das Margaridas, procura dialogar com o Estado para atender as demandas das mulheres rurais. Isso dá visibilidade às lutas em geral, fomenta a criação de políticas públicas olhando para a realidade das mulheres rurais em vários contextos, tais como privação das terras, exploração dos trabalhos, a opressão, direito à aposentadoria, direito à auxílio maternidade e o reconhecimento aos seus trabalhos (Aguar, 2016).

As funções das mulheres na agricultura familiar são muito importantes para sobrevivência

dos familiares, mas a desvalorização dos trabalhos domésticos realizado por elas e o menosprezo das suas atividades no campo da produção mostram o apagamento das suas trajetórias e a invisibilidade dos seus trabalhos feitos de forma geral. (De Mesquita, 2014).

2 APOIO E TROCA DE EXPERIÊNCIA ENTRE AS MULHERES MÃES AGRICULTORAS

As mulheres mães agricultoras se apoiam, enormemente, tanto nas questões dos trabalhos no campo, quanto nas questões de vida pessoal. Quando uma delas tem um trabalho que leva dias, semanas ou meses, elas fazem uma solicitação entre elas para ajudar nesse trabalho, assim como nos cuidados dos filhos; qualquer que seja, um dos problemas que uma delas está enfrentando será compartilhado entre elas em busca de solução.

Cada uma delas luta pela sobrevivência de seus filhos, mas também os filhos/as estão sob os cuidados de todas as outras mulheres mães que vivem nesse meio. Há uma forte coletividade e união entre essas mulheres, não importa se são mães biológicas ou não. Elas compartilham a responsabilidade de cuidar e nutrir o afeto, que é algo muito presente entre elas e seus filhos/as. É raro, mas às vezes acontece, que uma mãe se encontre numa situação financeira crítica. Nessas ocasiões, outra mãe com total disponibilidade pode surgir para ajudar a resolver esse problema, seja fornecendo alimentação, auxiliando na educação, cuidados de saúde, entre outros assuntos.

O apoio que essas mulheres têm uma com a outra, fizeram com que elas se encaixassem nos diferentes espaços das sociedades, e isso fez com que elas passassem a ter uma outra visão, tanto no campo da produção, assim como na sociedade em geral. O motivo pelo qual se juntam está ligado à produção da agricultura. O começo de tudo isso foi através de laço de amizade construído no campo da produção que fortaleceu muito a união e a resistência através dos cultivos de hortaliças, que sempre foi da responsabilidade das mulheres. (Varotto, 2017).

As ideias trocadas por essas mulheres no campo vêm fortalecendo a ocupação dos lugares, não somente dentro do campo da agricultura, mas sim nos diferentes ambientes das sociedades. Visando que é necessário que essas mulheres ocupem diferentes espaços de destaque para levar suas pautas em dias em busca das melhores condições para sobrevivência e para atender suas necessidades no campo da produção.

A entrevistada Sra. Tereza (2023)³, assegura que,

As trocas que a gente costuma fazer aqui no campo, isso nos fortalece bastante, porque as dificuldades que uma de nós está passando aqui, ao compartilhar, já tem uma pessoa entre nós com a solução para encontrar a saída, tirando das questões dos trabalhos de campo, a gente conversa sobre as nossas vidas, as questões familiares, é uma ajudando a outra aqui, é assim que as coisas funcionam aqui.

Na sociedade guineense, os trabalhos das mulheres é uma das principais bases para o avanço das questões econômicas, assim como nas outras áreas do trabalho no país, fazendo esses trabalhos como a base para a reparação dos seus familiares. Além disso, elas encaram o desafio contra analfabetismo e a pobreza. O Estado como órgão máximo, precisa reconhecer essas áreas de trabalhos das mulheres que são invisibilizadas, para criar as políticas públicas e as condições para melhorar o funcionamento dessas áreas que aumentam o desenvolvimento econômico. (Martins, 2022).

De Mesquita, e Mendes (2012), enfatizaram que as mulheres agricultoras não são as únicas responsáveis pelos trabalhos de manutenção no meio familiar. No entanto, desempenham um papel significativo tanto na família quanto no trabalho ligado à produção agrícola e à criação de animais. Com isso, elas têm uma grande importância na atividade da unidade de produção, participando diretamente em diversos contextos e áreas de atuação produtiva e reprodutiva.

Os trabalhos desenvolvidos no campo da produção sempre contaram com a presença das mulheres. Portanto, ao abordar as lutas em diferentes perspectivas relacionadas à produção agrícola, é necessário considerar como essas mulheres conseguem acessar a terra, promover reforma agrária e influenciar políticas públicas, entre outros pontos, sem esquecer os debates sobre agricultura familiar. Essas mulheres trabalhadoras sempre buscaram seus lugares, também evidenciando seus problemas e particularidades que requerem apoio financeiro para aquisição de materiais de trabalho. Através desse trabalho, elas conseguem atender às suas necessidades e sustentar suas famílias. (Varotto, 2017).

Essas mulheres são do norte do país, especialmente na região de Cacheu, setor de Canchungo, que é o foco principal do nosso trabalho, Canchungo é um dos setores muito movimentado, as mulheres trabalham nos lugares emprestados por certos períodos, quando chega um determinado período, elas têm que sair para que os fazendeiros no caso donos das

³ Entrevista foi realizada em Canchungo no dia 04 de maio de 2023, com a Sra, Tereza que é uma das mulheres agricultoras no setor onde a pesquisa foi realizada. Os nomes das pessoas entrevistadas foram mantidos, após autorização das mesmas para a publicação neste artigo.

terras voltaram a fazer suas produções, a maioria dessas mulheres agricultoras moram numa comunidade perto dos proprietários dessas terras cultivadas, e essas mulheres agricultoras têm um vínculo de afeto, respeito e de confiança muito grande com os proprietários, elas desenvolvem suas produções até um certo período e saem para que os donos das terras possam trabalhar também.

Os donos das terras trabalham mais nos tempos chuvosos onde eles fazem suas plantações de arroz, até quando termina a chuva, eles voltam a emprestar a terra para as mulheres poderem fazer suas produções. Um dos grandes motivos também de emprestar a terra para essas mulheres, é porque elas preparam a terra muito bem para fazer suas produções crescer de melhor forma, depois quando os proprietários da terra voltaram a produzir nesses lugares, as plantações deles crescem com muita facilidade por causa dos preparos que as mulheres já tinham feito no campo para seus produtos crescerem.

Essas mulheres preparam as terras de produção com vários tipos de excrementos, como da vaca, do porco, da cabra, do carneiro e sem esquecer da casca do amendoim que há pouco tempo as mulheres usam no campo da produção. A casca de amendoim ganhou um destaque muito grande no campo da produção, ajuda não só no preparo da terra, mas também no crescimento das plantações.

O trabalho das mulheres mães agricultoras na Guiné-Bissau é fundamental para o desenvolvimento sustentável do país, especialmente na região de Cacheu, no setor de Canchungo, que é o foco de nosso trabalho. Reconhecer e apoiar essas mulheres é importante para melhorar suas condições de trabalho e promover a igualdade de gênero. Além disso, é essencial criar políticas públicas que garantam a representação das mulheres agricultoras em posições de destaque, principalmente no setor agrícola.

3 EXPERIÊNCIA DO TRABALHO

O motivo pelo qual escolhi desenvolver essa temática foi porque eu vim de uma família que trabalha de agricultura, e maior parte das mulheres da minha família fazem essa prática. Assim, acompanhei algumas das dificuldades que essas mulheres enfrentam na vida e no campo. Muitas dessas mulheres lutam pela a própria sobrevivência e de suas famílias, mas seus trabalhos não são reconhecidos pela sociedade.

Em algumas situações, até mesmo seus próprios filhos/as não ajudam suas mães trabalhadoras, porque sentem vergonha por serem filhos das agricultoras, porque não é um

trabalho respeitado que é visto de grande valor, as pessoas não levam essas questões para serem debatidas a procura de soluções para resolver os problemas que estão inseridos nesse meio. Me identifico como filho de uma dessas mulheres agricultoras, por isso resolvi desenvolver sobre essa temática para entender de melhor forma as dificuldades, não somente no campo da agricultura, mas também as dificuldades enfrentadas no seu cotidiano de trabalho em geral.

Como Jorgito apontou na entrevista, (2023).

Trabalho da minha mãe, assim como outras mulheres agricultoras não é muito valorizado pela sociedade e pelos próprios filhos, tenho alguns colegas que suas mães trabalham junto com minha mãe no campo, mas não ajudam suas mães, por serem zoados por colegas, ou comentam sobre o trabalho de forma pejorativo, eles acabam sentindo vergonha dos trabalhos realizados pelas suas mães, e também querem mais essa vida de exibição, eu como filho de agricultora que não tem muita condições financeiras, eu sei de que família eu vim, vivo consoante possibilidade dos meus pais, através desse trabalho minha mãe consegue pagar minhas coisas, e preciso mostrar para os meus colegas a importância dos trabalhos de campo.⁴

A vergonha que alguns filhos/as dessas mulheres agricultoras sentem, é ter uma mãe que trabalha campo da agricultura, que de alguma forma a outra, é um trabalho que não é bem visto na sociedade guineense para algumas pessoas, isso acaba fazendo que certas pessoas se sentem vergonha de se identificar como filhos/as dessas mulheres. E nas concepções dessas mulheres, esse trabalho é de grande importância, porque ali elas conseguem ter o básico nas questões financeiras para resolver todas suas necessidades tanto nas questões familiares, assim como nas suas vidas pessoais, o campo da agricultura, é o lugar onde geram suas fontes de renda.

Maiorias das vezes essas mulheres levantam às 6h00 de manhã para ir trabalhar no campo e somente voltam às 19h00 na procura de sustentar a casa. Eu me lembro quando eu era mais novo quando minha mãe levantava para sair para o campo ficava atrás dela, mas ela nunca me deixava de ir junto dela naquela hora, ela sempre me dizia que o horário estava muito cedo para mim, tenho que ficar em casa até quando bateu as 8h de manhã para depois sair de casa para o campo. Na época tinha 12 anos, e às vezes quando eu dizia que não vou ajudar em alguns trabalhos, minha mãe sempre me mobilizava com as palavras do que eu preciso ir ajudar nos trabalhos para que ela possa sair muito cedo no campo, e no meio do caminho ou no campo ela começa me explicar os detalhes do porquê desse trabalho que ela está fazendo, é para o nosso bem-estar e melhorar as nossas condições de vida. Esses trabalhos são feitos por mulheres na região Cacheu, concretamente setor de Canchungo, que é o foco desse trabalho, e essas lutas e as dificuldades que essas mulheres enfrentavam e estão enfrentando é para o sustento dos

⁴ Entrevista feita com Jorgito em Canchungo no dia 04 de maio de 2023.

familiares, e chegou um momento que ela já não precisa mais me dizer o que devo fazer para dar minhas contribuições nesse trabalho.

O espaço onde as mulheres da minha família trabalham é de 500 metros de comprimento e 350 de largura, nesse espaço a produção é feita de diferentes tipos de legumes e verduras, as mulheres começam a fazer limpeza do terreno no final do mês de Setembro ao começo de Outubro, já para uns 15 de mês de Outubro, o trabalho dessas já começam, onde fazem as plantações de diferentes tipos de produtos agrícolas, como por exemplo alface, tomate, berinjela, couve, salsa, nabo, cenoura, cebola, repolho, pimentão, pimenta, coentro, pepino entre outros tipos de produtos.

Essas mulheres fazem diferentes tipos de produção de legumes e as verduras no período da seca, como alface, tomate, berinjela, couve, cenoura, nabo, salsa, coentro, pimenta, pimentão e cebola. Já para período da chuva, as maiores plantações que elas fazem é do pepino, milho, batata doce, mandioca e inhame etc.

Vi que a minha contribuição é muito necessária nesse lugar, porque vi muitos adolescentes que iam para o campo com suas mães, ajudavam com água enquanto as mães estavam trabalhando. Se, no caso, as mães esquecerem algum objeto de trabalho em casa, em vez de deixar os trabalhos que estão fazendo para irem buscar esse objeto, pediam os filhos/as para irem pegar. Além disso, adolescentes ajudavam na irrigação, tinham baldes pequenos que eram exclusivamente para os adolescentes puderem ajudar na irrigação. Eu fazia muitos trabalhos que eu achava que eram de pouca contribuição, mas para elas a minha presença fazia muita diferença ali no campo, e depois que eu percebi que de alguma forma eu ajudava, nunca mais parei de ir trabalhar com minha mãe e minhas primas, dos pequenos trabalhos que eu achava que eu fazia para elas era muita coisa, porque o que eu fiz, já está feito elas não vão voltar a fazer, e essa realidade é de muitas mulheres que vivem nesse setor, e elas fazem de tudo nesse trabalho para manter de pé a estrutura da família.

Como a Sr.^a Linda destacou (2023),

Trabalho com minha mãe no campo desde pequena, ela me levava para fazer coisas básicas, por exemplo, se ela está precisando de beber, me chamava para oferecer água, após um tempo comecei a regar com balde de cinco litros porque eu era pequena não podia carregar coisas pesadas, e ao longo do tempo estou aprendendo as variações dos trabalhos no campo e hoje faço de tudo aqui junto com ela, porque eu sei que ela precisa de mim aqui, os trabalhos que eu costumo fazer, ela já não vai precisar fazer isso de novo, também para ela puder descansar, agora a maior parte dos trabalhos aqui no campo ficou sobre minha responsabilidade. Não tenho nível de escolaridade para ter um emprego com um salário bom, mas pelo menos esse pequeno gesto de trabalhar junto com ela aqui no campo e ajudar vender os produtos isso já é um gesto de

agradecimento.⁵

Os trabalhos que eu fazia naquela época eram as coisas básicas: regar com baldes pequenos, levar água para as pessoas que estão a trabalhar no campo beber quando estiver com sede, e eu ficava ali no campo fazendo outras atividades básicas para quando elas precisassem de mim para não sair do campo até a casa para me chamar, ou pegar algo.

Sempre trabalhei junto dos meus pais no campo, meu pai trabalhava de manhã na escola e a tarde de vez em quando trabalhava com minha mãe no campo, enquanto meu pai saía para trabalhar eu ficava com minha mãe no campo, e minha mãe levava relógio para poder controlar o horário para eu voltar para casa e preparar para ir às aulas. Minha mãe mesmo não tem nível avançado de escolaridade, mas para ela a educação está em primeiro lugar. Ela nos apoiava e nos incentiva que a escola é o nosso único caminho de não passar pela mesma situação que eles passavam e estão passando, apesar que hoje as coisas melhoram bastante, já teve greve onde ficamos quase um ano sem estudar, ela conversou com meu pai chegaram a conclusão onde nos colocaram na escola privada e ela dizia que preferia não vestir como suas colegas, mas todos tinham que estudar.

Meu pai com pouco salário, minha mãe com seu trabalho dos produtos agrícolas que ela produzia e vendia no mercado, conseguiram juntar, e mandaram meus dois (2) irmãos para estudar aqui no Brasil, e minha irmã se formou na Argélia e um dos meus irmãos se formou no meu país Guiné-Bissau, e me mandaram para formar aqui no Brasil, sempre eles acreditaram que a educação escolar mudaria as nossas vidas e foi justamente isso que aconteceu, hoje em dia, meus irmãos que já formaram mudaram vida dos meus pais, conseguiram ter uma condição de vida estável através dos investimentos que os meus pais fizeram alguns anos atrás.

As oportunidades que eles não tiveram nós temos, e de uma forma ou outra meus irmãos estão retribuindo com o resultado satisfatório para eles de tudo que enfrentaram para nos manter e nos proporcionar as condições de vida que cada um de nós tem nos dias de hoje, ter educação escolar do nível superior, e ter condições básicas para se virar por conta própria, e nós como os filhos seguimos com as orientações dadas pelos nossos pais, e hoje estamos tendo tudo o que eles sempre procuram alcançar para família em geral.

Essa luta do dia a dia da minha mãe, assim como das primas, e tias, são as trajetórias que elas sempre percorreram, também é a luta de muitas mulheres que vivem nessa região Cacheu especificamente setor de Canchungo, que é o foco principal do nosso trabalho. Tenho alguns primos/as que já se formaram e outros/as que estão se formando e os filhos e as filhas de muitas

⁵ Entrevista concedida em Canchungo com Linda no dia 7 de maio de 2023.

mulheres agricultores conseguiram ingressar nas escolas consideradas de boa qualidade de ensino através dos trabalhos realizados por essas mulheres no campo da produção, meus sobrinhos estão estudando num dos melhores colégios do setor, por causa dos trabalhos do campo realizados pelas suas mães e com ajuda deles também.

As mulheres agricultoras fazem grandes esforços nas atividades de produção que aumentam suas rendas, com a finalidade de garantir a autonomia própria, e elas estão sujeitas a discriminações, por acharem que as mulheres estão na frente das responsabilidades que os homens deveriam assumir, como orientar os trabalhos agrícolas e controlar os destinos dos recursos produzidos (Medeiros; Ribeiro, 2003).

Da mesma ideia partilha a Sr.^a Rosa e Alia (2023),

Eu nunca dependi do meu marido, sempre trabalhei para ter minhas coisas, meu marido sempre contribuiu em casa, e na educação dos filhos, mas nunca me bancou, e não posso sentar para esperar meu marido, se acontecer algo de urgência e meu marido não está em condições de me ajudar como vou fazer, sempre tenho meu dinheiro para fazer minhas coisas e dos meus filhos em casa, consegui para faculdade de agronomia do meu filho através desse trabalho, mandei meus quatro filhos estudar no estrangeiro, construí uma casa apesar que tenho apoio do meu marido, mas tinha condições de fazer sozinha, sou muito grato a esse trabalho, realizei meu sonho de ter minha independência financeira através do trabalho do campo, comprei muitas coisas graças a esse trabalho. [...]

Alia afirma que sempre trabalhou para ter seu dinheiro,

Nunca dependi do meu marido, trabalho no campo e faço minhas vendas de diferentes produtos agrícolas no mercado, justamente para ter minha independência financeira, e resolver problemas dos meus filhos de modo geral, com esse trabalho conquistei várias coisas, hoje tenho casa não pago mais aluguel, meus filhos estão fazendo faculdade apesar que meu marido contribui no pagamento, mas todo os meses consigo tirar um valor significativo nesse trabalho para pagar mensalidade de faculdade deles, e comprar minhas coisas.⁶

A maioria das mulheres mães agricultoras guineenses não depende de seus maridos. Através do trabalho que desenvolvem, muitas delas contam com a ajuda de seus filhos/as que contam no aumento da produtividade e do rendimento, e ainda isso faz com que elas conseguem alcançar tudo o que desejam, independência financeira, garantia de alimentação para seus filhos, acesso à educação desde ensino básico, até na universidade, e entre outras conquistas. Além disso, algumas delas conseguiram construir suas próprias casas com o dinheiro próprio de seu trabalho árduo. Esse exemplo de determinação e superação destaca a importância do papel das mulheres no sustento familiar e no desenvolvimento da

⁶ Entrevista feita com Sra. Alia em Canchungo no dia 04 de maio de 2023.

comunidade.

Primeira imagem, descreve onde uma mulher mãe agricultora e o filho, que estão trabalhando no campo da produção, fizeram colheita de alface na qual estão lavando para o mercado. São usadas três bacias grandes, as duas primeiras são usadas para lavagem dos produtos retirados no campo, a terceira é para organizar todos esses produtos para depois levar no mercado.

Figura 1 - Campo de produção hortaliças



Fonte: Jorgito Artur Mendes (2023).

Região Cacheu, setor de Canchungo que é o foco do nosso trabalho. Imagens: 1- Foto de uma mulher e seu filho que trabalham junto no campo da produção.

A segunda imagem mostra uma mulher regando seus produtos, como alface, couve e repolho.

Figura 2 - Campo de produção hortaliças



Fonte: Jorgito Artur Mendes (2023).

Região Cacheu, setor de Canchungo que é o foco do nosso trabalho. Imagens: 2- Foto apresenta uma mulher que está a regar seus produtos.

Agricultura é um campo muito vasto, onde se encontram diferentes tipos de produções, mesmo com as dificuldades que essas mulheres mães se encontram nesse lugar, elas conseguem fazer suas produções com as matérias que elas têm, apesar que, isso acaba limitando certos tipos de produções, por falta das políticas públicas para ajudar nos financiamentos de materiais de trabalhos, a falta das inovações e orientações sobre as produções feitas por essas mulheres mães agricultoras, isso acaba reduzindo as variedades das produções nos campos. Para superar essas limitações e promover a diversificação nas produções agrícolas. É necessário ter as políticas públicas para atuar na sua totalidade, desde os materiais de trabalho, as orientações sobre as produções, as formações de trabalho para as mulheres mães agricultoras para puderem alcançar o desenvolvimento sustentável nas suas comunidades. Além disso, a promoção de práticas agrícolas sustentáveis pode contribuir para a flexibilidade ambiental a longo prazo.

4 LUTA DAS MULHERES MÃES AGRICULTORAS NO CAMPO E A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NA SOCIEDADE GUINEENSE

Mesmo com as dificuldades que essas mulheres enfrentam no campo da produção, ainda conseguem fazer uma boa produção, isto dá esperança que as coisas vão melhorar. Elas se

fortalecem muito tanto no campo, assim como na vida pessoal. Quando elas estão no campo trabalhando, conversam muito sobre as produções, sobre questões familiares, fazendo projetos para melhorar as condições dos filhos. Os projetos que elas fazem para melhorar a realidade dos seus filhos, se dá o início no foco nos trabalhos de produções desenvolvidos no campo, para ter um bom resultado na colheita, com a finalidade de vender esses produtos e arrecadar o dinheiro para colocar os filhos/as nas escolas privadas do ensino médio, nas universidades ou seja, mandar seus filhos para estudar no exterior, ou para trabalhar em busca de melhorar as condições de vida dos familiares.

É importante observar como as mulheres mães agricultoras desempenham um papel de muita luta na produção agrícola, e na sustentação de suas famílias. Seus horários de trabalho no campo refletem não apenas a dedicação ao cultivo, mas também a necessidade de equilibrar as responsabilidades familiares.

Os momentos em que elas se reúnem para vender seus produtos nos mercados, elas não conversam apenas sobre o comércio, mas também aproveitam essa oportunidade para compartilhar suas experiências e conhecimentos. Esses espaços se tornam locais de troca de ideias, onde elas discutem planos para garantir o futuro de seus filhos. A troca de informações sobre as condições de trabalho, nos diferentes períodos e as ferramentas necessárias que contribui para a resistência de suas atividades agrícolas.

Os períodos e as condições climáticas inesperados destacam os desafios enfrentados pelas mulheres agricultoras, muitas das vezes lidando com inundações durante a época de chuvas ou enfrentando prejuízos causados pela seca, elas adaptaram suas estratégias de produção de acordo com o período. A concorrência no mercado, especialmente durante períodos específicos, demonstra a importância de planejamento e cooperação entre as mulheres agricultoras para superar esses obstáculos.

Essas mulheres desempenham um papel muito importante, não apenas na produção de alimentos, mas também na construção de comunidades resistentes, através do compartilhamento de experiências e conhecimentos, elas fortalecem não apenas suas próprias famílias, mas também a rede de mulheres agricultoras, promovendo a sustentabilidade e o desenvolvimento em suas comunidades.

Conforme Martins (2022), a desvalorização do trabalho na sociedade guineense tem o seu começo com golpe de estado que ocorreu em novembro de 1980, isso originou uma crise política que surgiu com a desvalorização dos funcionários públicos quanto a questões de falta dos salários. Por essa questão percebe-se que a instabilidade política que foi inserido dentro do país, aumentando o número muito alto do desemprego, ao mesmo tempo, vimos a desvalorização do

trabalho que fez com que as mulheres guineenses assumiram essa responsabilidade de despesas dos seus familiares e das suas casas.

Como Sr.^a Mama apontou na entrevista (2023),

Não é todo mundo que valoriza o trabalho de campo, como uma das minhas colegas que trabalha comigo aqui no campo, elas falam que os filhos não aceitam ajudar, somente ela mais os netos que trabalham aqui, muitos têm a visão pejorativa sobre o trabalho de campo, você escuta as pessoas falando, mas quando é um trabalho de gabinete todo mundo correndo atrás que é uma coisa boa, mas esse trabalho também é um trabalho como qualquer outro.⁷

As discussões sobre o trabalho das mulheres estão muito presentes na sociedade guineense, e exigem mudanças que vão resolver os novos e as antigas questões a respeito à vida doméstica em relação ao trabalho assalariado para o avanço, é necessário a reparação dos problemas que sempre atrelou a grandiosidade do trabalho doméstico, o trabalho das mulheres ainda carregam esse peso da construção social, são encarregadas das responsabilidades de tomar conta da vida familiar. (Lemos, 2016).

Nos dias atuais na sociedade guineense, existe uma reflexão muito profunda sobre a valorização dos trabalhos das mulheres, a importância desses trabalhos nas diferentes perspectivas e as suas contribuições para o avanço do país, o que leva muitos filhos/as a sentirem vergonha dos trabalhos das suas mães, no caso de uma mulher mãe agricultora, os filhos/as sentem vergonha não pela mãe em si, mas sim pelo trabalho de agricultura que a sua mãe desempenha, porque é um trabalho menosprezado no geral, tanto pela sociedade em si, por ser um trabalho de campo na qual a maioria das pessoas que estão ali tem baixo nível de escolaridade, assim como pelo Estado que não dá nem mínima atenção de dar um acompanhamento as agricultoras, ou ajudar nos materiais de trabalhos.

É inegável o disparo de diversas maneiras de luta das mulheres no campo da agricultura nos anos 80, isso está ligado ao movimento da resistência das mulheres trabalhadoras rurais, e o aumento da exploração que as mulheres são submetidas. Essa resistência trouxe alguns conflitos em busca das novas estratégias e os caminhos para reprodução no contexto social. (Carneiro, 1994).

A década de 1990 marcou, assim, a constituição de formas organizativas próprias das mulheres, que passaram a reivindicar participação nos cargos de direção, pressionando o surgimento, dentro das estruturas sindicais e de outros movimentos mistos, de coletivos, comissões e coordenações direcionadas especificamente às mulheres, nos âmbitos nacional, estaduais e municipais. Ou seja, foi uma década que

⁷ Entrevista foi realizada em Canchungo no dia 04 de maio de 2023, com a Sra. Mama.

se caracterizou pela luta das mulheres para ocupar os espaços de participação, enfrentando uma disputa constante para a conquista desses espaços e para a inserção e reconhecimento efetivo da questão de gênero no interior das organizações de trabalhadores rurais. Foi um momento em que as mulheres rurais ampliaram suas estratégias e formas organizativas, tanto no âmbito dos chamados movimentos mistos como nos movimentos autônomos. (Aguiar, 2016, p13).

O que diferencia as participações das mulheres nas lutas gerais dos trabalhadores rurais, e que nos dias atuais essas mulheres estão reconquistando seus espaços nas diferentes categorias, e essa questão está se tornando publicamente conhecida, e ainda situação dessas mulheres agricultoras está acompanhada de outras categorias como da trabalhadora mãe, trabalhadora esposa, trabalhadora cuidadora dos filhos, e trabalhadora cuidadora do lar, dentro de um espaço elas desempenham várias funções. (Carneiro, 1994).

Segundo Lemos (2016), as mulheres estavam muito presentes no campo da produção, e nos primeiros trabalhos da agricultura. Aos poucos, elas vêm perdendo seus espaços de reconhecimento na sociedade por conta dos homens que espalham seus poderes com a dominação e as estratégias que usavam na construção das armas, assim como nos equipamentos que ajudam nos trabalhos de plantios.

No meio rural, essa situação é mais evidente comparada ao meio urbano, pois as relações de gênero marcadas pela divisão sexual do trabalho, sendo passadas de geração em geração, ainda se encontram naturalizadas no modo de vida de muitas famílias agricultoras. E mesmo nas situações em que homens e mulheres realizam trabalhos semelhantes, estes obtêm reconhecimentos distintos, de acordo com os papéis sociais que lhes são atribuídos. (Carneiro, 1994, p. 106).

De acordo com Ramos, (2014), dentro da sociedade brasileira, a agricultura familiar vem se destacando e ganhando espaços, principalmente dentro das áreas econômicas e sociais. Ela foi reconhecida como um dos meios da proteção do meio ambiente e da preservação dos recursos ambientais e das mobilizações sociais e comunitárias.

Muito dessas mulheres agricultoras já conhecem a terra, sabem em que lugar vai crescer com muita facilidade a cada tipo de produção, um espaço com a terra mais úmida e pesada é mais necessário fazer um determinado tipo de produção sem correr o risco de muitos trabalhos, a terra mais seca e leve é de um determinado tipo de produção. Não é que as produções que são feitas nas terras úmidas não podem ser feitas nas terras secas, podem sim, mas só as produções não vão crescer de forma como deveria crescer, o formato muitas das vezes não seria de forma esperado. As plantações nas zonas úmidas acabam por apodrecer, e nas zonas secas, às vezes, acabam por morrer devido a questão da água.

As mulheres de região Cacheu, setor de Canchungo, trabalham em duas épocas, da seca,

e da chuva. No período da seca, elas fazem as produções de diferentes tipos, mas os mais destacados no campo são as produções de alface, repolho, pimentão, couve, nabo, tomate entre outros produtos. Já para período da chuva, elas começam a fazer as produções de berinjela, abobara, pepino, cenoura, batata-doce, mandioca, inhambi entre outros produtos.

Conforme Ramos (2014), descreveu que as mulheres vêm estruturando um novo caminho de movimento e luta onde vão ser suas próprias protagonistas e serem empoderadas nas questões econômicas, e, aos poucos, vai aparecer uma movimentação e a implementação dessas mulheres nos campos da produção e da reprodução das vidas em conjunta. Segundo Martins (2022) na sociedade guineense, as mulheres não são vistas como as pessoas que são capazes de assumir os lugares do poder, porque a sociedade criou uma visão que elas têm e apresentam uma sensibilidade muito grande, são vistas como incapazes de ter habilidades intelectuais. Mesmo sendo uma mulher formada com capacidade de administrar qualquer lugar, a própria sociedade cria limites para impedi-las de ocupar esses lugares de destaque, porque a ideia criada pela sociedade, de que a mulher é um ser frágil, acaba limitando suas competências e colocando-as em situações de dependência.

Para muitas mulheres agricultoras essas mudanças que ocorrerem no campo, nos períodos diferentes, já não é um problema mais, porque é necessário fazer as mudanças de plantações em diferentes lugares, isso ajuda no crescimento das produções. Por exemplo, na lavoura desse ano as plantações de tomates podem ser feitas num determinado lugar, e, para a próxima, pode substituir o tomate e colocar a berinjela ou pimentão. Nas outras áreas que as produções de alface foram feitas, pode ser substituído pela produção de cenoura, ou seja, de repolho e assim sucessivamente. As mudanças vão ocorrendo de acordo com as plantações.

Os trabalhos, ou seja, os ganhos que são obtidos fora do campo agrícola também são de grande importância para o sustento familiar, porque muitas das vezes as produções feitas nos campos não são suficientes para atender as necessidades dos familiares, por isso que é de extrema importância considerar que a produção para autoconsumo é uma das formas mais viáveis para complementar na alimentação do seio familiar, e se proteger das dificuldades de encontrar alimentos agrícolas. (De Mesquita; Mendes, 2012).

O ponto positivo desse trabalho realizado pelas mulheres, é que elas conseguem ter suas autonomias financeiras, para resolver seus problemas de forma geral sem ter a necessidade de esperar ajuda dos maridos, as contribuições que alguns dos seus filhos fazem, é ajudar nos trabalhos desenvolvidos no campo, já para o ponto negativo, muita das vezes falta dos recursos dos trabalhos no campo, a falta do apoio da maioria dos/as filho/as isso acaba limitando as variedades das suas produções, e se tivesse mais presença dos filhos/as para ajudar no campo

elas iam conseguir o dobro do que costumam produzir. Trabalho dessas mulheres vai muito além do que elas fazem no campo, elas movimentam a economia da região e principalmente do setor de Canchungo, elas conseguem ter suas independências financeiras para resolver seus problemas, conseguem fazer um grande investimento no qual colocam os filhos/as nas universidades, e ainda têm algumas delas que mandam os filhos/as para estudar no exterior que no final de tudo conseguem ter um bom retorno.

Me tornei a pessoa que eu sou hoje, através do trabalho da agricultura, especificamente horticultura, desenvolvido pela minha mãe. Ela sempre me perguntava, se eu queria estar onde meus irmãos mais velhos estavam, porque foi através desse trabalho que ela mandou meus dois irmãos para estudar aqui no Brasil. E eu precisava continuar a ajudar nos trabalhos que elas faziam, porque é dali que iria sair os valores para pagar todos os meus custos, porque elas não estavam trabalhando por elas, mas sim para os filhos. Essa é uma realidade muito presente nas diferentes famílias no setor de Canchungo, muitas dessas mulheres saíam de casa às seis horas de manhã e só voltavam às 18h ou 19h, porque fazem suas trajetórias de casa para o campo, depois de campo elas vão direto para o mercado onde vão vender os produtos que são retirados no campo.

Na nossa sociedade, o trabalho é muito importante para mostrar quem somos, e pensar sobre como ele nos afeta é crucial para entender a nossa saúde, e nossa forma de ficar doente. Isso envolve reconhecer que o trabalho tem um grande impacto tanto positivo, assim como negativo em todos os aspectos da nossa vida, incluindo nossa identidade e como nos sentimos em relação a nós mesmos. (Tschiedel; Traesel, 2013)

Na entrevista feita com Sr.^a Tereza (2023), afirma que:

Não tenho momento específico para cuidar de mim, acordo 5h de madrugada para começar a preparar para sair no campo, sair do campo direto para feira, as 8h até as 15h, chegar em casa as 16h para almoçar, depois levantar para ir no campo fazer irrigação até as 19h chegar em casa tomar banho comer alguma coisa ir direto para cama descansar, que é o momento de descanso para mim, quando deitar para dormir, eu não tenho um momento específico para descansar, as vezes não consigo nem dormir a direito a noite, de tanto cansaço e dor de corpo, mas no dia seguinte preciso acordar para ir trabalhar.⁸

De acordo com Tschiedel e Traesel (2013), no mundo de hoje, não é só importante a força física no trabalho, mas também o que o trabalhador pensa e sente. As mulheres muitas vezes enfrentam o desafio de ter que fazer duas vezes mais, trabalhando tanto fora de casa como dentro dela. Elas precisam equilibrar ser trabalhadoras, mães, esposas e mulheres ao mesmo

⁸ Entrevista concebida com Sr.^a Tereza em Canchungo no dia 04 de maio de 2023.

tempo. Toda essa pressão pode afetar a saúde delas, porque muitas vezes não recebem o reconhecimento que merecem.

A saúde das mulheres trabalhadoras, do ponto de vista coletivo, é afetada não apenas pela falta de condições materiais adequadas, que podem causar diversas dores, mas também por uma série de fatores ligados à estrutura do trabalho. Esses fatores acabam colocando essas mulheres em uma posição desfavorecida e precária, com menos controle sobre sua saúde e menos possibilidades de reivindicar questões relacionadas à identidade de gênero. (Brito *et al.*, 1995).

As mulheres mães agricultoras do setor de Canchungo desempenham seus trabalhos com uma carga horária de trabalho muito extensa para poderem alcançar seus objetivos, que é ter meios financeiros para atender suas necessidades. Elas seguem uma trajetória que envolve acordar de madrugada para ir ao campo, seguir diretamente para a feira e, ao retornarem para casa para descansar, dispõem de poucas horas antes de retornarem ao campo para continuar trabalhando. Praticamente não têm um período longo de descanso, o que acaba refletindo em problemas de saúde em seus corpos. Apesar de algumas delas contam com ajuda dos filhos/as, e outras não, mas mesmo assim, as que têm isso não é o suficiente para atender a demanda do trabalho que essas mulheres fazem.

A questão da divisão do trabalho é uma coisa muito presente dentro da sociedade guineense, muita das vezes essa separação começa no seio familiar e com desenvolvimento dessa ideia a sociedade passa reforçando ainda mais essa separação, que existem certos trabalhos que os homens não devem fazer, assim como tem alguns trabalhos que as mulheres não podem fazer. Não é que os homens assim como as mulheres não podem fazer esses trabalhos, mas sim, a própria família assim como a sociedade se diz que não deve fazer porque é um trabalho implementado que só pode fazer isso quem é de um determinado sexo.

As mulheres não podem cuidar dos animais em casa, não podem limpar os terrenos da produção porque esses trabalhos são para os homens, e os homens não podem cozinhar, não podem limpar a casa, no campo da produção não podem semear porque isso são trabalhos para as mulheres. Por outro lado, conforme Hirata e Kergoat (2010), a divisão sexual do trabalho, é o modelo que foi implementado para a divisão do trabalho social decorrente nas relações sociais entre os sexos, isso é um fator preferencial para a sobrevivência da relação social entre os sexos, esse modelo é construído historicamente e socialmente, tem como estrutura a indicação preferencial aos homens na esfera produtiva, e as mulheres na esfera reprodutiva justamente por causa da apropriação dos homens nos lugares de destaque na sociedade, como na política, na religião entre outros lugares.

O marco histórico no meio rural com a questão da divisão sexual do trabalho que

encarregou a mulher do trabalho reprodutivo, que é visto no espaço privado, como um trabalho que não gera renda monetário, é considerado um trabalho improdutivo e, conseqüentemente, o esforço que as mulheres do meio rural desempenham para sua realização dos seus trabalhos se tornam invisíveis, esquecidos apagados, e desvalorizados pela sociedade, apesar que as mulheres sempre estejam presente no campo propriamente dito, que é um trabalho desenvolvido pelos homens e, por ser conhecido em valores monetários, e foi considerado o trabalho produtivo (Aguiar, 2016).

A sociedade construiu um perfil sobre a imagens das mulheres que são seres frágeis, mais sentimentais, mais cuidadosas que acabam centralizando seus trabalhos nos lugares reprodutivos. Se fomos ver, na sociedade guineense, quando os pais, ou encarregados de educação vão sair para trabalhar, as mulheres que passam responsabilizar com alimentações das pessoas que ficam em casa, com a limpeza da casa, cuidar das crianças. Por outro lado, o perfil sobre as imagens dos homens está centralizado no lugar de poder, ele é quem vai delegar as funções o que devem ser feitos em casa, se no caso tem crias de animais, seu trabalho passa a ser cuidar dessas crias.

Como mostra Brumer (2004), vários estudos feitos que analisaram as questões das divisões dos trabalhos entre o sexo masculino e feminino no campo da agricultura, o trabalho permitiu combater a subordinação que as mulheres são submetidas de forma geral, seus trabalhos muitas vezes são vistos como uma “ajuda”, mesmo realizando atividades na mesma intensidade que os homens, ainda suas tarefas continuam sendo minimizadas.

De acordo com Antunes (2015), nas últimas décadas, vimos o quanto que o trabalho das mulheres vem ganhando ainda mais os espaços no mundo produtivo. Essa inserção estruturou uma nova forma de divisão sexual do trabalho na qual se encontram menos exclusões, os trabalhos femininos têm sido reservados nos espaços de trabalho muito intenso, ainda com o nível muito alto de exploração do trabalho, enquanto aquelas áreas mais estruturadas no âmbito econômico, apontadas com maior índice de desenvolvimento tecnológico, continuam reservadas aos trabalhos masculinos.

Segundo De Mesquita (2014), o pensamento da divisão do trabalho entre homem e a mulher, não foi uma coisa estabelecida pela característica biológica, mas, sim, foi uma ideia construída pela sociedade que está ligado com a questão do poder. Nas zonas rurais as questões dos vínculos de gênero entre as mulheres agricultoras e os homens agricultores são registrados pela divisão desigual do poder. Isso aumentou ainda mais a invisibilidade dos trabalhos desempenhados pelas mulheres.

A sociedade construiu uma ideia a partir de uma visão de como as coisas estão

estruturadas e funcionando, mas isso não significa que é dessa forma que as coisas devem continuar funcionando, porque tanto os homens, assim como as mulheres podem ocupar qualquer que seja o lugar para desempenhar seus trabalhos. Muitas vezes, essa divisão do trabalho acaba colocando limitações acima das competências dessas pessoas.

Caminhando para fase final da construção desse trabalho, quero destacar um pouco das grandezas e as potencialidades dessas mulheres mães agricultoras de região Cacheu, concretamente setor de Canchungo, muito dessas mulheres agricultoras trabalham praticamente pela sobrevivência dos seus familiares. Eu tive oportunidade não somente de acompanhar de perto as trajetórias de algumas dessas mulheres mães no campo da agricultura, mas também trabalhei com muitas dessas mulheres e a maioria delas têm sonhos em comum, de ter estabilidade financeira para ter mínimas condições de vida, ter a casa própria no caso de algumas que ainda não têm a casa, e mandar os filhos para estudar fora do país etc.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, o trabalho das mulheres guineenses agricultoras mães de família, é de extrema importância nas diversas esferas da sociedade guineense. Através desse trabalho, elas desempenham um papel significativo na manutenção geral do ambiente familiar, conquistando, assim, independência financeira. Possuem o poder de compra de forma autônoma, podem adquirir suas joias e atender aos desejos pessoais sem depender dos maridos. Além disso, têm a capacidade de proporcionar uma educação de qualidade aos filhos, matriculando-os em renomadas escolas. Muitas dessas mulheres conquistaram propriedades.

As lutas enfrentadas por essas mulheres agricultoras mães de família, são abrangentes. Elas batalham pelo reconhecimento de seus trabalhos no campo e na sociedade, visando garantir o sustento da família, a própria sobrevivência e a independência financeira. Tive a oportunidade de conhecer e conviver com mulheres que compartilharam esses ensinamentos sobre gestão financeira com suas filhas e outras mulheres que não possuíam fonte de renda. Muitas delas ingressaram na agricultura influenciadas por mulheres com experiência no campo, onde conseguem gerar renda para garantir estabilidade financeira e não depender exclusivamente de seus maridos.

Durante a época das chuvas, as mulheres se destacam na produção de pepino, milho, batata doce e amendoim, produtos que enfrentam menos dificuldades em relação à chuva. Isso ocorre porque algumas produções, como alface e repolho, são restritas nesse período

devido às fortes chuvas que prejudicam o cultivo. Por outro lado, na estação seca, a produção se torna mais diversificada.

Entre o final de março e meados de maio, os poços se encontram secos devido à escassez de chuva, um período crítico em que as produções precisam de grande quantidade de água. A escassez de água nesse período pode resultar na danificação dos produtos, afetando sua qualidade. É nesse momento que as mulheres enfrentam grandes dificuldades e buscam assistência para limpar os poços, garantindo assim a disponibilidade de água para suas atividades agrícolas.

REFERÊNCIAS

AGUILAR, Vilenia Venancio Porto. "Mulheres rurais, movimento social e participação: reflexões a partir da Marcha das Margaridas." *Política & Sociedade*, v. 15, p. 261, 2016.

BRITO, Jussara C. et al. "Saúde das trabalhadoras: o caso da lavanderia de uma indústria química de cloro-soda." ***Cadernos de Saúde Pública***, v. 11, p. 543-551, 1995.

CARNEIRO, María José. "Mulheres no campo: notas sobre sua participação política e a condição social do gênero." ***Estudos Sociedade e Agricultura***, 1994.

DE MESQUITA, Lívia Aparecida Pires. "Relações de gênero na Comunidade Rancharia: o trabalho das mulheres na agricultura familiar." ***Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero***, v. 5, n. 1, pág. 98-113, 2014.

DE MESQUITA, Lívia Aparecida Pires; Mendes, Estevane de Paula Pontes. "Mulheres na agricultura familiar: a comunidade Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO)." 2012.

DRABICK. "Trabalho, lar e luta das mulheres na agricultura familiar." 2020.

HIRATA, Helena Sumiko. "Novas configurações da divisão sexual do trabalho." ***Revista Tecnologia e Sociedade***, v. 6, n. 11, p. 1-7, 2010.

LEMOS, Silse Teixeira de Freitas. "O trabalho das mulheres da agricultura familiar à indústria capitalista contemporânea e a incidência dos mitos nas relações de gênero na sociedade patriarcal." ***Revista de Políticas Públicas***, p. 347-354, 2016.

MARTINS, Rosiani Sanca. "Participação das mulheres guineenses no mercado informal e suas contribuições para o crescimento da economia do país." 2022.

MEDEIROS, Rosa Maria; RIBEIRO, Eduardo Magalhães. "O papel da mulher na agricultura familiar: dois estudos de caso." ***Organizações Rurais & Agroindustriais***, v. 5, n. 1, 2003.

NGHABO, Aniusia Nima. "Dinâmica de produção e enfrentamento feminino na Granja de Pessubé." 2018.

RAMOS, Crystiane Pontes. "Mulheres rurais atuando no fortalecimento da agricultura familiar local." *Revista Gênero*, v. 15, n. 1, 2014.

TSCHEID, Rubia Minuzzi; TRAESEL, Elisete Soares. "Mulher e dor: um estudo na perspectiva da Psicodinâmica do Trabalho." ***Estudos e Pesquisas em Psicologia***, v. 13, n. 2, p. 611-624, 2013.

VAROTTO, Daiana Paula. "Agroecologia e gênero: perspectivas para a emancipação das mulheres e a agricultura familiar." *RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, v. 3, n. 3, 2017.